

Projeto Eletromemória:  
História da Energia Elétrica no Estado de São Paulo  
(1890-2005)

**Cidades Submersas:**

A relação entre a CESP e as populações atingidas pela construção de barragens: um estudo histórico sobre os casos de Redenção da Serra, Natividade da Serra e Igaratá

Ana Carolina de Azeredo Santos

São Paulo  
2009

# **Cidades Submersas:**

**A relação entre a CESP e as populações atingidas pela construção de barragens: um estudo histórico sobre os casos de Redenção da Serra, Natividade da Serra e Igaratá**

Ana Carolina de Azeredo Santos<sup>1</sup>

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo das relações entre a CESP e os moradores das cidades de Redenção da Serra, Natividade da Serra e Igaratá à época da construção das barragens da Usina de Paraibuna e da Usina de Jaguari, que submergiram as cidades supracitadas para preencher os reservatórios da CESP, nas décadas de 1960 e 1970.

O estudo aborda o processo de transferência das populações das cidades originais, fundadas em áreas que foram alagadas. Pretende-se conhecer as versões do processo, tanto dos moradores transferidos, quanto dos funcionários e técnicos da empresa. Faz parte do objetivo deste trabalho compreender como foram feitos os primeiros contatos, como os moradores tomaram conhecimento de que suas terras seriam submersas, como ocorreu a construção das novas cidades e como se deu o processo de transferência da população.

Para tanto, a partir de março de 2009, fazendo uso das técnicas e metodologias de trabalho com história oral, serão registrados depoimentos de pessoas que sofreram este processo, ou seja, alguns dos antigos habitantes das cidades em questão; e de funcionários da CESP envolvidos com a transferência dessa população e na construção das novas cidades. Os depoimentos serão registrados em áudio e vídeo e posteriormente serão transcritos e analisados ao lado de documentação escrita. Além dos depoimentos, pretende-se utilizar como fonte as fotografias do acervo da CESP e de acervos pessoais, cedidas pelos colaboradores entrevistados; os projetos oficiais da CESP de construção das novas cidades; e pretende-se também incluir na análise o documentário intitulado “O Profeta das Águas”, que narra um caso análogo de cidade submersa com a construção da Usina de Ilha Solteira, também da CESP.

Esta pesquisa foi dividida em três partes e está agora em sua primeira etapa: levantamento da rede das pessoas que serão entrevistadas, elaboração do questionário e leitura teórica. A segunda etapa terá início em março de 2009 e compreende a visita às três cidades, registro e transcrição das entrevistas. A terceira etapa, prevista para outubro

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de História pela Universidade de São Paulo. Contato: ana.azeredo@gmail.com.

de 2009, é o momento da organização e reflexão sobre os dados coletados, análise e conclusão do trabalho, além da edição das entrevistas registradas em vídeo e finalização de um curta documental.

O projeto da CESP de construção das usinas hidrelétricas de Jaguari e de Paraibuna previu a construção de represas que alagariam extensa área, provocando a submersão das cidades de Redenção da Serra, Natividade da Serra e Igaratá. Essas cidades tiveram de ser evacuadas, e a remoção dos moradores e sua fixação em novos povoados deveriam ocorrer da forma menos traumática possível significando, para as comunidades, uma melhoria e não um desastre.

Nos processos de transferência dos moradores de uma cidade que vai ser extinta por submersão, para construção de barragens para usinas hidrelétricas, há repercussões históricas e sociológicas importantes que merecem registro, análise e conclusões. A relação entre história, memória, identidade e vínculo de uma comunidade ou indivíduo com sua terra também faz parte da discussão desta pesquisa.

A tradição histórica que remonta a um tempo anterior à escrita sempre valorizou a tradição oral retomada na transcrição de relatos, lendas e histórias. Testemunhas dos fatos objeto do presente trabalho podem relatar o que vem sendo comentado oralmente entre eles desde os eventos descritos até os dias de hoje. A versão escrita destes relatos orais reafirma uma das fontes de estudo e interpretação da história.

Segundo Meyhi (2005),<sup>2</sup> a história oral é capaz de dar voz a setores antes inaudíveis por outros documentos. Por meio da história oral, minorias culturais discriminadas têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social a situações vividas sobre diferentes circunstâncias. Ela ganha sentido ao filtrar experiências do passado, antes silenciadas, evitadas e esquecidas, ou simplesmente desprezadas por diversos motivos. A história oral busca reinserir o indivíduo no contexto. Por isso, essa pesquisa torna-se fundamental para resgatar e preservar a memória destas comunidades, que de outra forma correria o risco de desaparecer.

A história oral, ainda segundo Meyhi, pode ser considerada “história viva”, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A necessidade da história oral se fundamenta no direito de

---

<sup>2</sup> MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

participação social, e nesse sentido está ligada à consciência de cidadania. Nas palavras do autor, “a subversão do ‘saber disciplinado’ e a conquista do popular sobre a experiência individual e do grupo é o que dinamiza a história oral” (MEYHI, 2005, p. 25).

Sabemos que as grandes represas promovem a solução de problemas para uma grande parcela da sociedade, como falta de energia e abastecimento. No entanto, como relata Branco e Rocha (1977),<sup>3</sup> as represas também são geradoras de impactos sociais onde se inserem.

O relatório de pesquisa de 2000, da Universidade de São Paulo (USP), enfatizou esse paradoxo afirmando que a construção de represas, no Brasil, já desabrigou um milhão de pessoas. As desapropriações não somente geram classes de desabrigados, como provocam fluxos migratórios de populações rurais para centros urbanos. Fernanda Leme aponta que esses fluxos são impulsionados pelas mudanças climáticas oriundas da introdução de um grande volume de água, fazendo com que o cultivo de certos produtos agrícolas originários fique impossibilitado. Desta forma, alteram-se os aspectos socioeconômicos dos membros de uma comunidade, que passam de proprietários de terras a trabalhadores assalariados em centros urbanos. No entanto, e é nesse aspecto que se foca o presente trabalho, somam-se às perdas materiais as perdas simbólicas, referenciais e de identidade, sofridas pelo grupo atingido. “Com o alagamento da área, a paisagem se torna lacustre, submergindo o patrimônio legado de uma paisagem forjada na relação do grupo com o meio, sob a forma de construções, igrejas, plantações, praças, fazendas, enfim, de elementos cotidianos que transformam o espaço da sociedade.”<sup>4</sup>

Amorim Filho (2005)<sup>5</sup> chama de *topocídios* o processo de aniquilamento de lugares, e Leme (2007) lembra que esses processos podem ser esquecidos quando não são fornecidos meios para leitura naquelas paisagens de quando, como e porquê as represas foram construídas, e dos impactos gerados para uma minoria, levando-nos a refletir sobre a ideologia por trás da construção das grandes barragens.

---

<sup>3</sup> BRANCO, S., ROCHA, A. A. **A Poluição, proteção e uso múltiplos de represas**. CETESB: São Carlos, 1977.

<sup>4</sup> LEME, F. B. M. **As represas como lugares turísticos: novas significações e valorizações de uma paisagem sem memória**. In *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*. Ano 1, nº 1, 2007. p. 3.

<sup>5</sup> AMORIM FILHO, O. *Topofilia, Topofobia e topocídio em Minas Gerais*. In DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

Tuan (1980)<sup>6</sup> conceitualiza os sentimentos que um grupo social ou cultural pode ter em relação aos lugares. É chamado topofilia “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (*op. cit.*, p. 5). Já o conceito de topofobia seria a aversão a certos ambientes. O sentimento de topofilia é variável em intensidade e modo de expressão, sendo essa afetividade por um determinado ambiente, uma resposta provocada por uma apreciação estética ou por fatores mais perenes como “o local de sua origem” ou “onde encontra seu meio de vida”. Os lugares são associados às experiências neles vividas. Servem como referência de nossas histórias de vida e dessa forma desenvolvemos vínculos afetivos. A destruição de um local significativo para um indivíduo ou grupo gera saudade e dor, entre outros fatores, pela impossibilidade de se reviver as experiências do passado durante a sua apreciação. A destruição física do lugar gera impactos psicológicos e pode ser comparada com a destruição de uma parte do passado da pessoa envolvida.

Amorim Filho (*op. cit.*), sobre o caso análogo de submersão da cidade de Nova Ponte, em Minas Gerais, comenta:

(...) como nos casos menos divulgados e relativamente pouco estudados, de lugares e bens danificados ou aniquilados por águas deliberadamente represadas com a finalidade de produzir energia elétrica. Esta é uma questão polêmica, pois, embora se trate de perdas motivadas por uma causa econômica e socialmente justificável, não se elimina o fato de que, em muitos casos, ocorrem verdadeiros topocídios. Tal foi o caso de Nova Ponte, que teve parte de sua área rural e sua sede municipal inundadas pelo represamento do Alta Paraíba Mineiro (...). A população, perplexa e impotente, tomou conhecimento da inevitabilidade do desaparecimento definitivo não apenas de sua cidade, mas de lugares e paisagens carregados de suas memórias, emoções e mais caros valores. Para eles, foi uma dolorosa perda de referencial topofilico, enquanto para outros as preocupações mais imediatas eram a perda de suas casas e a necessidade de um recomeço de vida na nova sede municipal construída a três quilômetros de distância. Por um lado, uma série de dramas e tensões no nível individual e familiar, por outro, a perda da personalidade histórico-cultural, pois que dela faz parte sua base territorial, formada pelos lugares e paisagens valorizados.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> TUAN, Y. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

<sup>7</sup> Amorim Filho, 1999, p. 147.

O presente trabalho faz parte do projeto ELETROMEMÓRIA, coordenado pelo pesquisador Gildo Magalhães dos Santos, professor associado e livre-docente em História das Ciências e Técnicas (FFLCH-USP), vinculado à Fundação de Energia e Saneamento, cujo objetivo maior é mapear o acervo histórico do setor elétrico paulista, no período de 1890 a 2005. Além de prever e promover trabalhos e projetos com história oral, o projeto ELETROMEMÓRIA permitirá estruturar o banco de dados resultante desta pesquisa, que integrará os arquivos da Fundação do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento, cujo setor de história oral foi organizado em parceria com pesquisadores do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO-USP).

## Anexo – Imagens

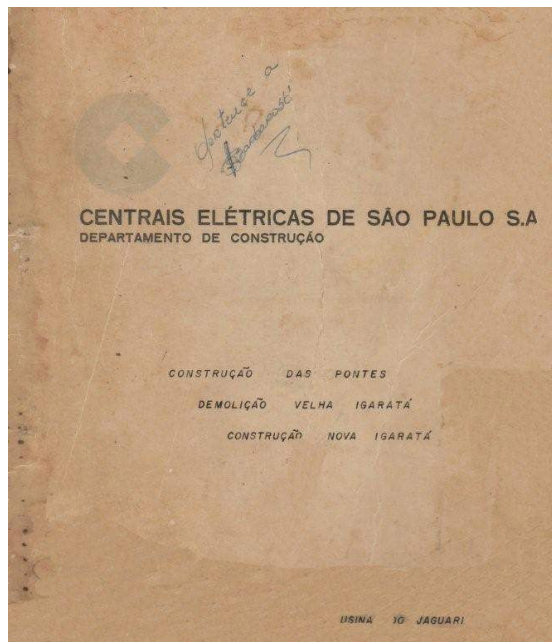


Fig. I – Relatório CESP – Construção das pontes, demolição da Velha Igaratá e construção da Nova Igaratá.



Fig. II – Igreja emersa – Velha Igaratá – fev. 1969.



Fig. III – Igreja e cemitério emersos – fev. 1970.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM FILHO, O. Topofilia, Topofobia e topocídio em Minas Gerais. In DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

BRANCO, S., ROCHA, A. A. **A Poluição, proteção e uso múltiplos de represas**. CETESB: São Carlos, 1977.

LEME, F. B. M. **As represas como lugares turísticos: novas significações e valorizações de uma paisagem sem memória**. In *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*. Ano 1, nº 1, 2007. p. 3.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

TUAN, Y. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.